LER E ESCREVER NAS ESCOLAS DO CAMPO: RELAÇÕES ENTRE IDENTIDADE CULTURAL E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DA DIVERSIDADE

ENCAMINHAMENTOS PARA A REALIZAÇÃO DA OFICINA

Caras/os docentes,

O curso de Formação em Ação do 2º semestre de 2015, proposto pelo Departamento da Diversidade/ Coordenação da Educação do Campo, tem como objetivo promover a reflexão acerca da identidade cultural, variedades linguísticas e preconceito linguístico.

1º MOMENTO – IDENTIDADE CULTURAL

Sugerimos assistir aos três vídeos do filme "Narradores de Javé" – disponíveis no Portal Dia a Dia Educação, para iniciar a discussão sobre a identidade dos povos (sujeitos da história), diferenças regionais, culturais, sociais, etc. Além disso, observar no 3º vídeo, as questões referentes à oralidade e escrita, bem como a importância das histórias contadas oralmente.

Narradores de Javé – Patrimônio Cultural:

Narradores de Javé – Escrita da História:

Narradores de Javé – Oralidade e escrita:

http://goo.gl/Oiy7nJ

Reflexão a respeito dos vídeos:

- Vocês reconhecem as histórias narradas nos vídeos no cotidiano de sua comunidade?
- Considera ser importante que não se percam os relatos contados pelos sujeitos que viveram/vivem suas histórias?
- O que as pessoas, em geral, diriam sobre a maneira como as histórias são contadas (o modo de falar, as palavras escolhidas, sotaque, etc.)?
- A partir da história contada, qual a importância da escrita para uma cultura letrada?
- Se você fosse o escritor das histórias relatadas, como as escreveria? Respeitaria a variedade linguística local (do campo) ou de acordo com a variedade padrão da língua portuguesa?

  Obs.: Docente, sugerimos que avalie a escolha dos participantes de cada uma das variedades linguística local (regional) ou a padrão.

2º MOMENTO – PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Nas comunidades rurais, bem como das cidades em que predominam os povos do campo, mais especificamente nas escolas do campo, quilombolas e indígenas, é preciso considerar que os sujeitos, no seu modo de vida social, afirmam suas identidades, na valorização de seus territórios, histórias, trabalhos, na relação com o meio ambiente e questões inerentes à sua realidade. Conforme apontam as Diretrizes Curriculares da Rede Pública da Educação do Campo:

> Em síntese, o campo retrata uma diversidade sociocultural, que se dá a partir dos povos que nele habitam: assalariados rurais temporários, posseiros, meeiros, arrendatários, acampados, assentados, reassentados atingidos por barragens, pequenos proprietários, vileiros rurais, povos das florestas, etnias indígenas, comunidades negras rurais, quilombos, pescadores, ribeirinhos e outros mais [...] São diferentes gerações. Etnias, gêneros, crenças e diferentes modos de trabalhar, de viver, se organizar, de resolver os problemas, de lutar, de ver o mundo e de resistir no campo (PARANÁ, 2006, p 26 e 27).

Nesse sentido, essas especificidades devem ser consideradas na reflexão coletiva desta oficina. Esse processo reflexivo também possibilita visibilizar as várias manifestações de discriminação, preconceito, estereótipos presentes na realidade de todas as instituições, cuja existência, muitas vezes, é camuflada ou negada.

Possibilita também provocar uma mudança de postura política e pedagógica na escola, com estratégias de enfrentamento a essas manifestações, refletidas, neste caso, na linguagem.

Diante das reflexões feitas até o momento, podemos pensar em dois pontos: primeiro, valorizar a cultura e identidade do aluno da escola do campo, conforme orientam as Diretrizes para a Educação do Campo

> Um desafio está posto à educação do campo: considerar a cultura dos povos do campo em sua dimensão empírica e fortalecer a educação escolar como processo de apropriação e elaboração de novos conhecimentos.
> Assim, o conceito de cultura como práxis guarda relação com a compreensão da história como processo coletivo de autocriação do homem, sob a possibilidade de criar uma ordem social de maior liberdade e justiça (SCHELLING, 1991, P. 37-38).
> Entender o campo como modo de vida social contribui para auto-afirmar a identidade dos povos do campo, para valorizar o seu trabalho, a sua história, o seu jeito de ser, os seus conhecimentos, a sua relação com a natureza e como ser da natureza. Trata-se de uma valorização que deve se dar pelos próprios povos do campo, numa atitude de recriação da história. Em síntese, o campo retrata uma diversidade sociocultural, que se dá a partir dos povos que nele habitam (...) (PARANÁ, 2006, p. 26)

Segundo ponto importante desta formação, é que o aluno se aproprie também da variedade padrão da língua em todas as áreas do conhecimento/disciplinas do currículo.

Para contextualizar o segundo momento dessa oficina, refletiremos sobre alguns trechos do livro "Preconceito Linguístico", do autor Marcos Bagno, a respeito da metáfora feita entre a língua portuguesa e a gramática normativa.

Antes, porém, sugerimos que a/o docente explore a capa do livro, como faz o próprio autor, nas páginas 11 e 12:

> A capa deste livro tem uma história que merece ser contada. As pessoas ali fotografadas são minha sogra, Alice Francisca, meu sogro, José Alexandre, e meu cunhado mais novo, Sóstenes, cerca de vinte anos atrás. Como este é um livro que trata de descriminalização e exclusão, decidi homenagear meus sogros que são, como costumo dizer, um 'prato cheio' para alguns dos preconceitos mais vigorosos da nossa sociedade: negros, nordestinos, pobres, analfabetos. Alice Francisca também carrega o estigma de ser mulher numa cultura entranhadamente machista. Aprender a amar estas pessoas pelo que elas são, deixando de lado todos os rótulos discriminadores que tentam classificá-las em categorias supostamente inferiores às que eu e pessoas de minha extração social ocupamos, tem sido uma lição fundamental para toda a minha vida pessoal e profissional. (BAGNO, 2007, p. 11)

(Docente, você pode ilustrar o trecho abaixo por meio de fotos e/ou figuras, como no exemplo, retirado da página 10, que segue logo abaixo)

> A língua é um enorme iceberg flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma culta. Essa descrição, é claro, tem seu valor e seus méritos, mas é parcial (no sentido literal e figurado do termo) e não pode ser autoritariamente aplicada a todo o resto da língua – afinal, a ponta do iceberg que emerge representa apenas um quinto do seu volume total. Mas é essa aplicação autoritária, intolerante e repressiva que impera na ideologia geradora do preconceito linguístico. (BAGNO, 2007, p. 9)

> Você sabe o que é um igapó? Na Amazônia, o igapó é um trecho da mata inundada, uma grande poça de água estagnada às margens de um rio, sobretudo depois da cheia. Parece-me uma boa imagem para a gramática normativa. Enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, à margem da língua. Enquanto a água do rio/língua, por estar em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e só se renovará quando vier a próxima cheia. Meu objetivo atualmente, junto com muitos outros linguistas e pesquisadores, é acelerar ao máximo essa próxima cheia... (BAGNO, 2007, p. 10)

(foto: Josemary Rech, *Igapó*, 2009.)

(foto: Josemary Rech, *Igapó*, 2009.)

(foto: Josemary Rech, *Rio Amazonas*, 2009.)

Reflexão:

- Para que o aluno escreva um bom texto é necessário que ele aprenda somente as regras postas na gramática, ou antes disso, é importante que o aluno tenha o que escrever (conteúdo)?
- A leitura **e escrita deve ser** uma preocupação só do professor de língua portuguesa?

3º MOMENTO - LER E ESCREVER, UM COMPROMISSO DE TODA A ESCOLA

Assistir ao vídeo "Leitura e Resolução de Problemas" – Carlos Alberto Faraco e Maria Tereza Carneiro Soares, disponível no Portal Dia a Dia Educação e, na sequência, fazer a leitura dos textos apresentados nos anexos, por disciplina de atuação.

http://goo.gl/Oiy7nJ

Refletindo...

- Escola (no sentido global) é uma instituição formadora de leitores;
- O texto é a referência em todas as disciplinas;
- A própria leitura é uma solução de problemas;
- Lendo o texto, o leitor produz sentidos, tendo reações ao lê-lo;
- Muitos problemas matemáticos não se resolvem por meio de contas, mas sim, da compreensão do texto;
- Na produção de texto, você, professor, faz análise dos textos de seus alunos, junto com eles, de forma que se analise: o que precisa ser melhorado para que fique mais claro? Qual a melhor pontuação para o texto? Quais palavras ligam os parágrafos ou até as frases?; Essa metodologia deve ser adotada na reescrita dos textos, e de certa forma, essa é uma resolução de problemas;
- Uma diversidade de fontes e gêneros textuais deve ser apresentada aos alunos. Isso em todas as áreas do conhecimento;
- O mesmo texto deve ser tratado por vieses diferentes;
- A literatura e a arte só fazem sentido para aqueles que podem observá-las. Se você não tem ferramentas culturais para poder compreendê-las, não fará sentido o que está lendo;

- A leitura é uma atividade que se domina gradativamente;
- Ampliar o universo de referências, com o auxílio do professor, que é um leitor mais competente;
- Querer saber – aprendizado contínuo.

Além disso, é importante ter-se em mente que a escola tem como função mediar o acesso à variedade padrão da língua. Observe o esquema:

ORALIDADE

A criança chega à escola com a fala que traz da família e da comunidade em que vive.

ESCRITA INICIAL

Esta oralidade influencia a escrita inicial da criança. Ou seja, escreve como fala.

MEDIAÇÃO DA ESCOLA

ESCRITA AO FINAL DA ESCOLARIZAÇÃO

Após o contato com os aspectos da variedade padrão da língua (sintaxe, ortografia, concordância, etc.), por meio da mediação feita pela escola, a escrita inicial se modifica, aproximando-se à escrita da variedade padrão.

FALA AO FINAL DA ESCOLARIZAÇÃO

Pressupõe-se que a escrita, modificada pela mediação da escola, influencie a fala do aluno, levando-a/aproximando-a da variedade padrão.

Agora, perguntamos novamente:
A leitura e escrita deve ser uma preocupação só do professor de língua portuguesa?

4º MOMENTO – PRÁTICA EM GRUPOS

- Tendo em vista o que foi discutido nesta oficina, sugerimos que a/o docente reúna as/os professoras/es em grupos, divididos por Área do Conhecimento/disciplinas, elaborar uma atividade de leitura e outra de escrita, que possa ser aplicada em sala de aula com os alunos, com o tema "Cultura e identidade", que envolva diversos gêneros textuais (charges, gráficos, mapas, notícias, músicas, poemas, etc.), considerando os seguintes itens:
- A interdisciplinaridade do texto
- O trabalho com a leitura e escrita específicas de cada disciplina
- Preconceito linguístico
- A utilização da variedade padrão
- A reescrita de texto

Preconceito linguístico

O professor Faraco, em entrevista à revista Na Ponta do Lápis, argumenta sobre como o professor pode tratar as questões do preconceito linguístico em sala de aula.

"Olhai a beleza da diversidade linguística"

Em sala de aula, como o professor pode lidar com as questões do preconceito linguístico?

"A primeira coisa é o professor ter uma atitude positiva, olhar e sentir a variedade linguística como algo positivo. Olhar a beleza da diversidade, uma das grandes características do ser humano. Para isso ele precisa ter uma compreensão da história do português. O sujeito que diz: "Nóis pega peixe"; ele não diz isso porque é preguiçoso ou ignorante. Ele diz isso porque pertence a um grupo social cuja história produziu esse tipo de variedade de português. Olhar a história dessas variedades é o que dá outro patamar para lidar com elas. Num país que lutou, por trezentos

anos, pela ideologia do monolinguismo, a variedade linguística é demonizada nesse quadro imaginário. Primeiro, tem que se libertar dessa demonização e perceber por dentro a beleza da diversidade linguística, a cara do país linguisticamente tão diversa. Segundo, vai ter que raciocinar com os alunos, mostrando o absurdo do preconceito. Mas isso não pode começar nem muito cedo, nem muito tarde. Existe um estudo fundamental sobre isso que diz: as crianças de 3 a 4 anos percebem a variação linguística, imitam, inclusive, variedades diferentes, mas elas não têm ainda percepção da valoração social que recobre as variedades. Na pré-adolescência, o jovem percebe que quando se fala diferente tem reações diferentes – positivas ou negativas. Portanto, eu diria que no fim m do Ensino Fundamental e no começo do Ensino Médio é preciso fazer essa discussão, compreender que a diversidade não é sinônimo de ignorância. Infelizmente, nós temos pouco material disponível porque essas variedades num país monolíngue são inaudíveis, embora elas estejam ressoando no nosso ouvido permanentemente. E não há registros técnicos sufi - cientes dessas variedades para que se possa preparar material didático que alimente e ofereça ao aluno a diversidade, não folclorizada, porque folclorizar é fácil. Nos anos 1980, saiu um livro, Os peões do Grande ABC [Luís Flávio Rinho. Petrópolis: Vozes, 1980], um levantamento sociológico com os peões que eram migrantes. Praticamente todos analfabetos; portanto, falavam variedades do português popular. Os textos foram transcritos preservando a fala das entrevistas. Nas minhas aulas eu usei os textos desse livro. Tem coisas belíssimas. O peão falando, por exemplo, da hora que se aproxima dele bater o ponto. A alegria que toma conta da pessoa que termina o dia de trabalho, vai se aproximando a hora de ir para a fila, uma empurração geral! Ele diz assim: "É o desejo de liberdade". Veja a interpretação dele. Mas isso dito num português popular. Isso é material de memória, material de reflexão, literatura oral. Nós precisaríamos coletar tudo, constituir um registro desse patrimônio para daí transformar em material didático, porque essa coisa de só trazer as tirinhas do Chico Bento não dá certo. Isso é um estereótipo e não tem a ver realmente com o problema sociolinguístico brasileiro. O professor tem que ter essa abertura, atitude de respeito com relação ao aluno, para ele ser capaz de mostrar ao aluno as adequações num contexto."

Reescrita de texto

É importante que no encaminhamento desta atividade, o docente enfatize a necessidade da reescrita dos textos dos alunos, como bem enfatiza Lívia Suassuna, no recorte da entrevista abaixo:

"Avaliar é preciso. Saber como, também."

■ **O vai e vem do texto em sala de aula**

"Primeiro, o texto deve voltar para o aluno – e volta pouco. Em uma pesquisa que fizemos na universidade percebemos que o texto não voltava para a sala de aula. Uma das professoras, por certo não estava fazendo de má-fé, revelou que não devolvia os textos porque os alunos rasgavam, nem olhavam para a correção. Ela agrupava todos os textos, fazia uma pastinha para cada aluno e devolvia no final do ano. A intenção dela era cuidar, preservar o texto. No entanto, só o vai e vem do texto permite a aprendizagem, o investimento, a descoberta de novos caminhos. Saber o que o outro pensou, discutir o tema colocado, a propriedade do texto.

A aprendizagem vai se efetivar se a intervenção do professor for bem próxima, como acontece na orientação acadêmica. Pontuar as irregularidades de cada parágrafo, chamar atenção para a organização do texto, as lacunas, as repetições, as inadequações: o que você está dizendo aqui? A informação está no lugar certo? Assim, o estudante aproveita as orientações para se debruçar sobre o texto, reconstruí- lo, fazer uma nova versão. Esse procedimento exige uma leitura apurada, olhar todas as camadas do texto, ter o tempo da volta."

5º MOMENTO - FINAL

Após a reflexão realizada durante todo esse dia, podemos concluir que a leitura e a escrita é uma tarefa de todas as áreas do conhecimento/disciplinas e deve ser praticada constantemente.

Para encerrar, sugerimos assistir ao clipe da música "Admirável gado novo" interpretado pelo cantor Zé Ramalho, disponível na página do Formação em Ação:

http://goo.gl/Oiy7nJ

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Edições Loyola, 2007. Disponível em: http://pessoal.educacional.com.br/up/4380001/10136789/PRECONCEITO%20LINGU%C3%8DSTICO-%20Marcos%20Bagno%5B1%5D.pdf. (acesso em 13-10-2015)

FARACO, Carlos Alberto. *Olhai a beleza da diversidade linguística* (2014). Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/entrevistas/artigo/858/entrevista-carlos-alberto-faraco. (acesso em 13-10-2015).

GONÇALVES, Clézio J.S. Ler e escrever também com o corpo em movimento. *In:* NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et al* (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

GUEDES, Paulo Coimbra; SOUZA, Jane Mari. Não apenas o texto, mas o diálogo em língua escrita é o conteúdo da aula de português. *In:* NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et al* (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

JR. REICHWALD, Guilherme. Leitura e escrita na geografia ontem e hoje. *In:* NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et al* (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

KLÜSENER, Renita. Ler, escrever e compreender a matemática, ao invés de tropeçar nos símbolos. *In:* NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et al* (Org**.). Ler e escrever: compromisso de todas as áreas.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

LOPES, Cesar V. Machado; DULAC, Elaine D. Ferreira. Ideias e palavras na/da ciência ou leitura e escrita: o que a ciência tem a ver com isso?. *In:* NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et al* (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et al* (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação do Campo**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, 2006. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/diretriz_edcampo.pdf

SEFFNER, Fernando. Leitura e escrita na história. *In:* NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et al* (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

SUASSUNA, Lívia (2014). *Avaliar é preciso. Saber como, também.* Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/entrevistas/artigo/105/entrevista-livia-suassuna. (acesso em 13-10-2015).

PRODUÇÃO

SUPERINTEDÊNCIA DE EDUCAÇÃO

Departamento da Diversidade

Equipe:
Ana Sueli Ribeiro Vandresen
Josemary Moreno Delgado Rech
Michelle Renata Borsatto

Diretoria de Políticas e Tecnologias Educacionais

Coordenação de Produção Multimídia
Projeto Gráfico e Diagramação:

Fernanda Serrer
Joise L. Nascimento

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO